

Brizola?

NA RETA FINAL,
O VELHO CAUDILHO TENTA
ASSEGARAR SEU LUGAR.

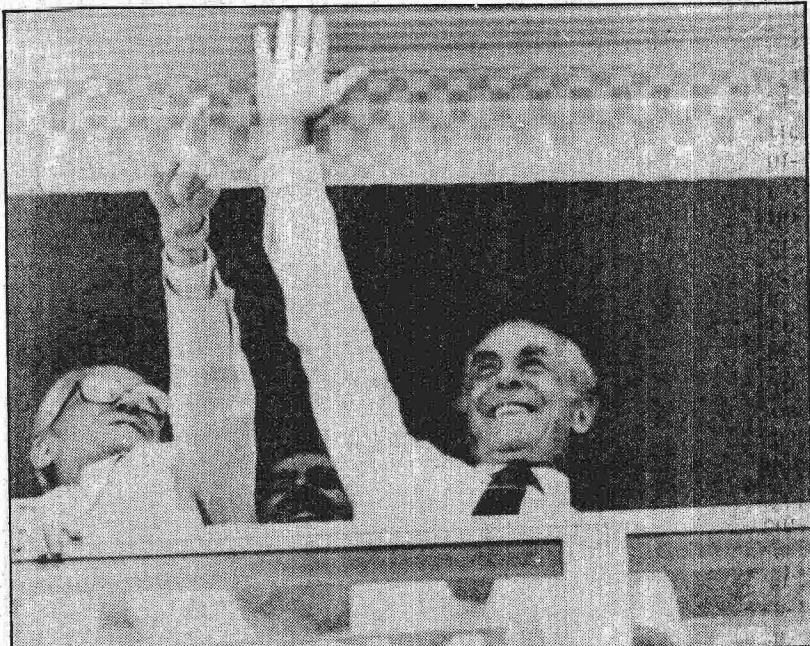
Nos últimos doze anos, desde que foi expulso de seu exílio pelo governo uruguaio, em 1977, o engenheiro Leonel de Moura Brizola dedicou cada um de seus dias à preparação para disputar a Presidência da República. Ele jogou todas as suas fichas na tentativa de retomar um processo interrompido nos anos 60, quando o golpe de 1964 cortou-lhe o caminho da disputa presidencial prevista para 1965, mas abolida do calendário político pelos atos institucionais do governo militar.

O Brizola de hoje está longe do político que mais encarnou a oposição aos militares, em 1964. O estilo centralizador e agressivo continua o mesmo, as tendências populistas de esquerda ainda brotam nos discursos e hábitos — como o de usar o lenço vermelho em volta do pescoço —, mas a moderação e a constante busca de composições com forças muitas vezes antagônicas mostram a face renovada de Brizola.

Apesar de ter o seu espaço entre os trabalhadores comido em grande parte pelo petista Luís Inácio Lula da Silva, Brizola tem ainda como uma de suas principais referências a bandeira do trabalhismo legada por Getúlio Vargas. Foi no PTB fundado por Getúlio, em 1945, que Leonel Brizola encontrou idéias políticas a defender, companheiros que o acompanham até hoje e até mesmo casamento.

A política, é verdade, sempre teve uma presença marcante na vida da família Brizola. O menino Itagiba Brizola, nascido em 1922 no município de Carazinho, na região de Passo Fundo, nem sequer chegou a conhecer seu pai, morto um ano depois em plena guerra que dividia os gaúchos entre “chimangos” (republicanos) e “maragatos” (federalistas). O lavrador José Oliveira Brizola lutava nas fileiras do “general” maragato Leonel Rocha, de quem Brizola herdaria o primeiro nome.

Ao candidatar-se e eleger-se deputado estadual pelo PTB, em 1946, Leonel Brizola começou



Brizola: pronto para votar, acenando da janela de seu apartamento.

uma carreira que desde cedo esteve sob o patrocínio de Getúlio Vargas, diretamente. Brizola se tornou amigo do também deputado estadual João Goulart, cuja rica família possuía ligações estreitas com Vargas, apaixonou-se pela irmã de João Goulart, Neusa Goulart, e com ela se casou em março de 1950, tendo como padrinho o futuro presidente da República, Vargas.

No Rio Grande do Sul, Leonel Brizola perdeu uma das poucas eleições que disputou, em 1951, quando a prefeitura de Porto Alegre foi ganha pelo seu opositor Ildo Meneghetti, do PSD. Depois disso, voltou a disputar e ganhar a prefeitura de Porto Alegre e tornou-se governador do Estado em 1958, com 55% da votação. No governo criou a empresa Aços Finos Piratini; fundou a Caixa Econômica Estadual e assumiu o controle do Banco do Rio Grande do Sul, tornando-o estatal. Dentre suas medidas de cunho nacionalista vieram a encampação das empresas que exploravam os serviços telefônicos (ITT) e a distribuidora de energia elétrica, Bond and Share. Foi também de Brizola a iniciativa da organização dos primeiros movimentos de Agricultores Sem Terra.

Em 1961, com a renúncia de

Jânio, Brizola distribuiu armas à população e iniciou um movimento pela posse imediata de seu cunhado, João Goulart, então vice-presidente. Conseguiu o apoio da Brigada Militar Gaúcha e do comandante do 3º Exército, mas viu Goulart aceitar um acordo proposto pelos militares, através de Tancredo Neves, instituindo o parlamentarismo. Esse acordo acabou distanciando Brizola do cunhado. Mesmo assim, em 1964, Brizola também tentou organizar uma resistência ao golpe, mas foi obrigado a exilar-se no Uruguai, onde comprou duas fazendas.

Expulso pelos militares uruguaio, Brizola passou por Estados Unidos e Portugal, voltando ao Brasil em 1979. Seu sonho de reconstruir o PTB foi roubado por Ivete Vargas, que ganhou na Justiça Eleitoral o direito de ficar com a sigla e em maio de 1980 Brizola fundou o Partido Democrático Trabalhista, pelo qual chegou a governador do Rio em 1982, onde já tinha sido eleito deputado federal em 1962 com expressiva votação. Apesar da grande votação que Brizola está obtendo no Rio, agora, ela não deve ficar no nível do índice que obterá no Rio Grande do Sul, onde o brizolismo parece resistir ao tempo.